

O “campo internacional” e suas especificidades: reflexões a partir de uma pesquisa coletiva sobre a dimensão transnacional das eleições brasileiras de 2022

Teresa Cristina Schneider Marques
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Willy Hudson Ramos Delvalle
École Normale Supérieure-PSL Research University

Esther Devillers
École des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS); École Normale Supérieure-PSL Research University

1 Introdução

A compreensão do ativismo transnacional enquanto um fenômeno de interesse das Relações Internacionais – e das Ciências Sociais como um todo –, embora represente uma realidade cada vez mais visível e com crescente atenção, ainda é carente de estudos no sul global, sobretudo a partir das contribuições da sociologia política internacional¹. Essa bibliografia se expandiu com base na análise de casos do norte global. De forma geral, os protestos por justiça global e ações protagonizadas por atores europeus e norte-americanos têm sido foco de tais estudos (Siméant-Germanos; Pommerolle; Sommier, 2015). Todavia, a América Latina é o centro da atenção de importantes redes de ativismo transnacionais, e, além disso, a região é local de origem de muitos migrantes transnacionais, entendidos como atores com grande potencial para o ativismo transnacional.

Os ativistas transnacionais, de acordo com Sidney Tarrow, são “grupos e indivíduos que mobilizam recursos e possibilidades nacionais e internacionais para fazer valer suas reivindicações em nome de atores externos, contra adversários externos ou em apoio a objetivos que eles compartilham com seus aliados transnacionais” (Tarrow, 2007, p. 58). Esses atores foram longamente ignorados pelas teorias *mainstream* das Relações Internacionais, que partem sobretudo das abordagens positivistas. Efetivamente, as metodologias mobilizadas por tais abordagens, em seu estado puro, apresentam-se insuficientes para enxergar o ativismo transnacional enquanto um fenômeno das RI, uma vez que tais abordagens têm como foco o Estado-Nação.

É certo que o ativismo transnacional, enquanto objeto de estudo, conta com particularidades. Entre elas, destacamos o trânsito entre diferentes níveis efetivados pelos atores. A separação entre as

¹ Embora, no Brasil, o número de pesquisadores dedicados à temática não seja tão extenso, a Sociologia e a Ciência Política ofereceram importantes contribuições para o avanço dessa agenda de pesquisa, sobretudo ao abordar as redes e as coalizões transnacionais, bem como as conexões repressivas. Além disso, há um crescente número de dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre o tema (Bringel, 2022; Von Büllow, 2011; Von Büllow, 2013; Machado; Maciel; Souza, 2021).

dimensões internacional e doméstica, segundo David Held (1991), não permite a compreensão de um mundo globalizado. Autores como Robert Putnam (1988) trouxeram importantes contribuições para o debate sobre as conexões entre os dois níveis. Todavia, ao admitir-se a agência de atores transnacionais no cenário internacional, faz-se necessário assumir uma leitura multidimensional do campo político, isto é, uma leitura que também admita a esfera transnacional como parte constituinte do cenário internacional (Sikkink, 2005, p. 156).

O objetivo central da presente proposta é oferecer uma contribuição metodológica para esse debate a partir da análise das ações efetivadas por redes transnacionais protagonizadas por migrantes brasileiros no exterior em eleições que ultrapassaram as fronteiras nacionais: as eleições presidenciais de 2022. Tal processo eleitoral ficou marcado pelo caráter plebiscitário por ele assumido (Abers; Tatagiba, 2022), em um contexto de transnacionalização das forças políticas². Esse cenário, marcado pela intensidade das trocas e informações que circulam entre fronteiras, incentiva a reflexão sobre os desafios metodológicos impostos ao estudo de atores e processos que transitam entre múltiplos níveis, tais como os ativistas transnacionais.

Porém, existem desafios para as pesquisas que propõem essa leitura multinível, sobretudo no caso de pesquisas voltadas para a análise das ações de atores não-estatais, como os ativistas transnacionais. Como colocado por Tarrow, três características distinguem o ativista transnacional do local. Em primeiro lugar, em geral, eles dão início à sua trajetória como ativistas em nível local ou nacional e depois se projetam para outros níveis; em segundo lugar, eles tendem a ser mais cultos, falam muitos idiomas, têm uma vivência mais internacionalizada e viajam mais; finalmente, eles podem renovar suas ações locais com base em suas experiências internacionais, retornando ao nível inicial (Tarrow, 2007, p. 58). Esse trânsito entre níveis que marca a trajetória dos ativistas transnacionais atribui particularidades à pesquisa de campo voltadas para a compreensão das condições impostas à sua ação política. Por outro lado, a reflexão sobre elas pode trazer luzes para o debate crítico sobre a pesquisa de campo enquanto uma estratégia multimétodo a ser mobilizada pelas pesquisas do campo das Relações Internacionais.

A presente proposta é resultado do projeto intitulado “A dimensão transnacional das eleições presidenciais no Brasil em 2022”, executado em Paris, França, em período da principal primeira autora como professora visitante na Ecole Normale Supérieure³, com base nas ferramentas teóricas da sociologia dos movimentos transnacionais. Desenvolvida por meio de uma disciplina em formato de “Atelier de recherche” (oficina de pesquisa, em português), a pesquisa também contou com pesquisadores em diferentes níveis de formação, que também trazem contribuições para esta reflexão. A partir dessa experiência de pesquisa coletiva, propomos refletir coletivamente sobre o “campo internacional”, notadamente sobre suas especificidades e os caminhos para superar as dificuldades impostas por um campo tão particular.

² A transnacionalização da nova direita global tem sido objeto de atenção de diversos estudos na Ciência Política e Relações Internacionais. Tal direita pode ser classificada como “Direita internacionalista reacionária”. Ver: Sanahuja; López Burian (2020).

³ Os dados da pesquisa foram suprimidos para a versão para avaliação, visando a atender as regras de submissão da revista.

Para tanto, o presente artigo está dividido em duas partes, além da introdução e da conclusão. Na segunda parte procuramos refletir sobre o campo internacional e sua validade para a Sociologia Política das Relações Internacionais. Por sua vez, na terceira parte abordamos as especificidades do campo internacional a partir da pesquisa em questão ao destacar: 1) as particularidades do acesso ao campo em um mundo dividido em Estados-Nação; 2) o idioma, a nacionalidade e seus símbolos e a relação do pesquisador com a população em estudo. Por fim, na conclusão, destacamos a importância das equipes multinacionais de pesquisa e abordamos formas de viabilizar o campo internacional a serem potencializadas.

2 Sobre o “campo internacional”

No campo das Ciências Humanas, muitas disciplinas se debruçaram em torno de reflexões epistemológicas sobre a chamada “pesquisa de campo” ou “trabalho de campo”. Esta reflexão foi vista como uma necessidade para o próprio avanço de alguns campos do conhecimento que se desenvolveram sobretudo a partir do emprego de métodos de pesquisa que lançam mão de ou que são combinados com a observação de distintas realidades, tais como a Geografia e a Antropologia. Segundo Paul Claval (2013, p. 2/25), “[e]ssas [ciências] não se constroem dentro do laboratório; o observador se move, faz pesquisa em campo, compara lugares ou regiões”.

Para além do deslocamento territorial, o trabalho de campo implica um encontro mais direto entre o pesquisador e os sujeitos que constituem seu objeto de pesquisa. Essa relação já foi e é objeto de profundas reflexões para as Ciências Sociais, que têm como objetivo o desenvolvimento de métodos de pesquisa que permitam a coleta e a produção de dados sobre a realidade social. De acordo com Ângela Alonso,

O ‘objeto’ da investigação das ciências sociais são pessoas, capazes de alterar a sua conduta na presença do observador – seja para negacear informação, seja para arrumá-la da maneira que, julgam, irá satisfazê-lo. Ao contrário das ciências naturais, que estudam fenômenos com os quais se estabelece uma relação sujeito-objeto, a relação nas ciências sociais é sujeito-sujeito: o mundo social é constituído por sujeitos ativos (e não objetos passivos): as ciências sociais estudam ‘objetos’ que são dotados de intencionalidade e que pensam a si mesmos (Alonso, 2016, p. 8).

No campo das Relações Internacionais, o entendimento dos indivíduos enquanto agentes internacionais é rejeitado pela maioria dos teóricos. Ainda que as abordagens liberais assumam a premissa de que o indivíduo é a base de qualquer teoria social, o olhar voltado para o indivíduo se concentrou na análise da atuação das elites políticas, sobretudo os dirigentes à frente do executivo (Dougherty; Pfaltzgraff Jr., 2003, p. 38). Essa abordagem partia da concepção dos Estados enquanto os principais, senão os únicos atores no cenário internacional.

Metodologicamente, essa leitura resultou na prioridade atribuída à análise documental de documentos oficiais produzidos pelos Estados ou por organizações internacionais ou intergovernamentais. Tais documentos eram as fontes de investigação privilegiadas para a construção do corpus documental clássico do campo, em pesquisas que enfatizavam a importância das análises

descritivas. De acordo com Hoffmann (1977), a influência do positivismo marcou o processo de desenvolvimento disciplinar do campo ao longo do século XX.

Essa perspectiva se manteve central pelo menos até o chamado terceiro debate teórico⁴. Também chamado de quarto – se considerado o debate metodológico entre behavioristas e tradicionalistas –, tal debate ganhou atenção a partir da década de 1980 e permitiu a emergência de uma pluralidade maior no campo científico das Relações Internacionais. Além da continuidade do diálogo entre neorrealistas e neoliberais, com a emergência da teoria crítica e dos pós-modernos, esse debate também contou com a disputa entre racionalistas e relativistas. Isso motivou uma profunda reflexão sobre métodos das pesquisas em Relações Internacionais:

Os relativistas desconfiavam dos modelos científicos e criticavam a formulação de verdades objetivas sobre o mundo social dentro do discurso axiológico dos racionalistas. Defendiam a interpretação histórica e textual, pois, para eles as RI são socialmente construídas (Pereira; Rocha, 2014, p. 316).

Assim, sobretudo a partir da década de 1990, novas perspectivas passaram a ganhar relevância entre os estudiosos do campo. No presente estudo, destacamos a sociologia dos movimentos transnacionais, que, ao colocar em diálogo as contribuições das Relações Internacionais com a Sociologia, busca analisar tanto processos institucionalizados quanto processos mais conflituosos que alcançam o cenário internacional e transnacional (Siméant-Germanos, 2010; Siméant-Germanos; Pommerolle; Sommier, 2015; McAdam; Tarrow, Tilly, 2001; Tilly; Tarrow, 2008; Smith; Chatfield; Pagnucco, 1997; Keck; Sikkink, 1998; Tarrow, 2005; Della Porta, 2015; Della Porta; Tarrow, 2005). Esforços nesse sentido também foram efetivados por outras abordagens, tais como os estudos decoloniais, as abordagens feministas, que aprofundaram o diálogo entre as Relações Internacionais e a Antropologia, além da Sociologia. Tais abordagens se mostraram preocupadas com a produção de dados que permitam tensionar a ambição positivista de alcance de uma análise explicativa sobre o mundo social.

Uma vez que o trabalho ou a pesquisa de campo clássico pode ser entendida como uma prática de pesquisa qualitativa que visa a “proporcionar a descoberta de realidades que escampam a outras estratégias de investigação” (Claval, 2013, p. 2/25), a pesquisa de campo também pode trazer importantes contribuições para as Relações Internacionais enquanto campo científico dentro dessa busca por uma leitura interpretativa do cenário internacional que ganhou força a partir da década de 1980. A pesquisa de campo, ao propiciar o contato direto com os sujeitos, permite a inclusão na análise de vozes até então negligenciadas, como as mulheres, o povo negro, os migrantes internacionais, entre outros.

Portanto, além de contribuir para que as análises interpretativas se somem às análises descritivas, a pesquisa de campo também permite a ampliação ontológica das Relações Internacionais. Assim, a exploração de novos temas pode ganhar em profundidade ao propor a imersão do

⁴ A classificação proposta por Rocha (2012, p. 59) aqui adotada desconsidera o chamado debate metodológico que ocorreu entre os anos 1950 e 1960 e se concentra nos debates teóricos e assim classifica os debates: o primeiro debate ocorreu entre realistas e idealistas; o segundo debate entre neorrealistas e neoliberais e, finalmente, o terceiro debate, chamado pelo autor de “atual”, entre racionalistas e construtivistas.

pesquisador em uma comunidade ou espaço determinado. A título de exemplo, vale a pena destacar as contribuições que propõem um diálogo com as Ciências Sociais, notadamente a Sociologia. Tais pesquisas abordam temas diversos, tais como as estruturas de poder em campos de refugiados, a divisão de trabalho internacional em organizações humanitárias ou as disputas discursivas em missões de observações eleitorais internacionais⁵.

Mas seria possível construir uma definição do “campo internacional”? De acordo com Vânia Carvalho Pinto, chegar a uma definição sobre a “pesquisa de campo” pode ser difícil para os estudiosos sobre temas que exijam uma abordagem multinível. A autora, levando em consideração as distintas formas que podem ser assumidas pelos intercâmbios internacionais, se afasta da definição que conecta o campo ao território ou ao “espaço físico” e permite refletir inclusive sobre o espaço virtual enquanto campo. Para Pinto (2023, p. 19):

De fato, pesquisar ‘no campo’ refere-se à entrada e à estadia no espaço físico e virtual de interesse para a investigação: uma embaixada, um departamento, uma organização internacional, um ministério, um campo de refugiados, um chat, um jogo de computador, entre muitas outras possibilidades.

Todavia, ao utilizar uma definição mais abstrata do que é o campo, a autora lança poucas luzes sobre as especificidades do campo do internacionalista. Além disso, em realidade, é inegável que todos os espaços listados na frase em destaque podem constituir objetos de estudos de outros campos das ciências humanas. Então, como o “campo internacional” diferiria do campo de pesquisa das Ciências Sociais?

De acordo com Johanna Siméant-Germanos (2012), não há obrigatoriamente uma especificidade ontológica do internacional em relação à pesquisa em Ciências Sociais, visto que toda política, mesmo a internacional, também é, em certo sentido, política local. A frase “all politics is local politics” demonstra ter validade para a autora, pois, para ela, as estratégias e condições de atuação locais sempre importam. Isto é, a ação política, seja um protesto, ou a decisão de um dirigente, sempre parte de um lugar (Siméant-Germanos, 2012). Todavia, para Siméant-Germanos (2012), a amplitude dos fenômenos analisados assume diferenças relacionadas às configurações dos processos nos quais estão inseridos. Isso implica pensar o “campo internacional” enquanto um “espaço” ou uma “oportunidade” de trânsito entre os níveis nacional e internacional mobilizada pelos atores (Louis; Maertens; Saiget, 2016).

Partindo das reflexões propostas por Siméant-Germanos (2012) e Louis, Maertens e Saiget (2016), propomos uma definição do campo de pesquisa internacional: ele pode ser entendido como todo campo que, ao integrar o pesquisador em uma relação direta com os sujeitos investigados, permite observar relações ou indicativos de mudanças de escala efetuadas pelos atores, e dessa forma, lança luzes sobre processos de internacionalização ou transnacionalização. Não raro, esse campo exigirá o deslocamento do(a) pesquisador(a) para além das fronteiras nacionais às quais está conectada a sua

⁵ Entre os trabalhos que abordam esses temas, destacamos: Vermylen (2016); Guevara (2018); Dauvin; Siméant-Germanos (2001).

própria cidadania ou a inserção em “arenas” internacionalizadas, tais como fóruns, encontros ou organizações internacionais.

Dito de outra maneira, é o campo que, a partir de uma escala micro, permite compreender a política enquanto um jogo político multinível, que é composto pelas dimensões nacionais, internacionais e transnacionais, tal como proposto por Sikkink (2005, p. 155). É preciso destacar ainda que atores de naturezas distintas participam desse jogo: Estados, organizações não-governamentais, entre outros, incentivando a abordagem multimétodo, que se torna possível com a pesquisa de campo.

A abordagem multimétodo é, inclusive, uma das principais vantagens metodológicas da pesquisa de campo para as pesquisas em Relações Internacionais. Conforme já destacado, a análise documental de fontes oficiais foi, sobretudo no Brasil, o foco metodológico do campo durante décadas. Todavia, novos estudos têm emergido e destacado a contribuição da análise de “fontes” de natureza diversas. O aprofundamento do uso de entrevistas é visível, mas também exigem estudos que mobilizam a análise de imagens e o emprego de metodologias como a etnografia (Devin, 2016). A pesquisa de campo, ao permitir a inserção mais direta do(a) investigador(a) em um determinado ambiente, permite a efetivação de pesquisas multimétodos. Tal abordagem pode trazer vantagens quando o foco é a compreensão das mudanças de escala efetuada pelos atores entre arenas internacionais ou transnacionais, uma necessidade para o estudo do ativismo transnacional.

Se, por um lado, as vantagens da pesquisa de campo são observadas tanto em campos “nacionais” quanto em campos internacionais, por outro lado, existem desafios específicos que marcam a pesquisa de campo internacional. Para debater as especificidades destacadas, partiremos da reflexão do processo de produção de dados de uma pesquisa que tinha como objeto de reflexão a dimensão transnacional das eleições brasileiras em solo francês.

3 As especificidades do “campo internacional” a partir de uma pesquisa sobre ativismo transnacional

A pesquisa que deu origem ao presente artigo se desenvolveu entre agosto e dezembro de 2022. A equipe de pesquisa franco-brasileira era composta por pesquisadores que se encontravam em diferentes níveis de formação e que contavam com diferentes bagagens culturais e nacionalidades. A proposta teve como foco central a análise do ativismo transnacional e sua relação com o voto extraterritorial, com ênfase nas ações desenvolvidas por migrantes internacionais. Buscou-se compreender a inserção de brasileiros em redes de ativismo transnacional na França durante o processo eleitoral para a escolha do chefe do executivo brasileiro em 2022. Conforme destacado, partiu-se sobretudo das contribuições teóricas propostas pela teoria do confronto político e da sociologia dos movimentos transnacionais, que em muito se beneficia do diálogo com o construtivismo⁶. A partir desse diálogo, a pesquisa tinha dois objetivos centrais: 1) analisar a forma

⁶ É importante mencionar que o voto de brasileiros no exterior é pouco explorado pela bibliografia nacional (Frizzo; Mascitelli, 2020, p.89-90). Por sua vez, no exterior, as contribuições acadêmicas partem sobretudo dos conceitos teóricos da sociologia das migrações ou da Ciência Política. Assim, a maior parte dos estudos sobre o engajamento político de estrangeiros se concentra exclusivamente no comparecimento ou na ausência das urnas, buscando identificar variáveis dependentes (Ciornei; Østergaard-Nielsen, 2020; Burgess; Tybuski, 2020; Guarnizo; Portes; Landolt, 2003). Além disso, em geral, a forma como o processo eleitoral influencia as ações dos movimentos sociais é pouco estudada (McAdam; Tarrow, 2011).

como os repertórios de ação, redes e enquadramentos feitos pelos ativistas no exterior são afetados pela estrutura de oportunidades e restrições multinível; e 2) compreender o impacto das ações dos ativistas transnacionais enquanto um fator motivador ao comparecimento às urnas no exterior.

O campo de pesquisa se tornou fundamental para a ampliação da natureza dos dados a serem coletados. Efetivamente, diferentes atividades foram realizadas: entrevistas semiestruturadas com autoridades consulares brasileiras, senadores franceses que oferecem solidariedade ao Brasil, e, finalmente, eleitores brasileiros, ativistas brasileiros e franceses; observação etnográfica da fila de votação de brasileiros em Paris; aplicação de questionários com perguntas objetivas junto aos eleitores brasileiros na fila de votação do primeiro turno, no dia 2 de outubro de 2022.

Assim, tal como proposta pela literatura sobre pesquisa de campo, o trabalho lançou mão de diferentes métodos de pesquisa, tanto qualitativos quanto quantitativos. Todavia, em todas as etapas destacadas, algumas questões não necessariamente observadas na literatura sobre a pesquisa de campo em contextos nacionais afetaram de alguma forma a pesquisa. Nesse sentido, parte-se dessa experiência para contribuir com as reflexões críticas sobre as especificidades da pesquisa de campo internacional (Siméant-Germanos, Pouponneau, Lickert, 2016; Louis; Maertens; Saiget, 2016; Siméant-Germanos, 2010). Foram particularmente enriquecedoras as reflexões oriundas das observações etnográficas e da aplicação de questionários. Tais atividades de pesquisa, efetivadas em grupo, permitiram identificar particularidades diversas que podem ser agrupadas em dois tipos: 1) as particularidades do acesso ao campo em um mundo dividido em Estados-Nação; 2) o idioma, a nacionalidade e seus símbolos e a relação do pesquisador com a população em estudo.

A primeira tipologia aborda a questão do acesso ao campo, que, segundo Vânia Pinto (2023, p. 19), refere-se ao processo de obtenção de “permissão para investigar um local ou observar um grupo de pesquisar um grupo de pessoas em seu ambiente”. É bem verdade que muitos dos potenciais “campos” de interesse do internacionalista não estão abertos ao público em geral, sobretudo aos não-nacionais. Como colocado por Burke (2003, p. 133-134), a diplomacia e os seus espaços são marcados pelo segredo, o “receio do outro”, o que fica evidenciado pelo fato de que o seu próprio avanço é marcado pela melhoria da comunicação em códigos e classificações.

Assim, a entrada em embaixadas, organizações internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e mesmo organizações humanitárias pode exigir autorizações específicas, bem como detalhamentos sobre o projeto a ser desenvolvido (Pinto, 2023 p. 20). É importante destacar ainda que, não raro, essas análises não levam em consideração apenas aspectos metodológicos e teóricos do projeto apresentado, pois, diante do papel central atribuído por governos e organizações ao caráter confidencial de temas sensíveis, a análise pode levar em consideração questões de segurança e mesmo posicionamentos ideológicos. Isto é, o acesso leva em consideração aspectos além dos formais, com destaque para a questão da segurança nacional, incluindo a própria segurança das populações investigadas.

No caso da presente pesquisa, é válido mencionar o receio de muitos ativistas em conceder entrevistas, sobretudo os migrantes internacionais. Esse receio é compreensível, se levados em consideração os custos adicionais que são atribuídos ao ativismo migrante em virtude da vinculação da cidadania ao Estado-Nação, principalmente no caso dos migrantes indocumentados. Além da negação da cidadania ao migrante, é válido lembrar que o acesso ao status de refugiado retira do

migrante o direito à mobilização política (Moulin, 2011). No caso dos migrantes brasileiros, as suas vivências também podem ser marcadas pelo preconceito que é direcionado aos migrantes latinos na Europa e nos Estados Unidos, mesmo quando sua situação legal é regular, como era o caso dos brasileiros na fila de votação.

Há que se destacar ainda o receio de violência assumido pelo processo eleitoral brasileiro em 2022⁷. Em Paris, tal receio se mostrou plausível com a ameaça de um brasileiro contra crianças que defendessem o Partido dos Trabalhadores⁸. Em termos formais, esse receio também motivou a equipe de pesquisa a solicitar a autorização do consulado brasileiro em Paris para a efetivação da observação etnográfica e da aplicação de questionários. Em entrevista à pesquisa, o consulado mencionou o receio da equipe consular sobre possíveis confusões na fila de votação, o que, felizmente, não ocorreu⁹. De todo modo, a autorização foi concedida e foram conferidas sugestões de segurança à equipe de pesquisa, que no primeiro turno foi composta exclusivamente por mulheres. Vale mencionar que, nos alinhamos com Walgrave e Verhulst (2011), ao afirmar que a preocupação com pesquisa deve ser prioridade do líder da equipe. No nosso caso, nas atividades preparatórias ao campo nos preocupamos em instruir os membros da equipe a ser manter próximos ao local da votação – haja vista que a fila se estendeu por dezenas de quadras –, devidamente identificadas como pesquisadoras, buscando nos mantermos próximas das forças policiais.

A questão da segurança também leva o debate sobre o acesso ao campo internacional para uma reflexão sobre “as particularidades do acesso ao campo em um mundo dividido em Estados-Nação”, conforme já destacado. Por isso, não podemos nos furtarmos de uma reflexão sobre o Estado e as fronteiras nacionais, bem como o acesso aos espaços e territórios estrangeiros. Para Torpey (2018, p. 5), a partir do seu surgimento, o Estado passou a ter o monopólio dos meios legítimos de movimento (*monopolization of the legitimate means of movement*). Em outras palavras, o Estado passou a controlar as possibilidades de movimento por meio da criação de documentos, tais como o passaporte. Diante desse monopólio do movimento legítimo, o estrangeiro é por definição o “não-cidadão”, como destacado por Duroselle (2000, p. 54). Essa imposição também vale para o pesquisador fora do seu solo nacional.

É válido destacar que a condição de não-cidadão pode sujeitar o pesquisador a um campo mais inseguro. Além de adentrar em um espaço onde não conhece a fundo a geografia, e os códigos culturais e sociais, sem a proteção do Estado, o pesquisador pode se colocar em uma situação frágil. O assassinato do estudante de doutorado da universidade de Cambridge, Giulio Regine, durante o campo no Emirados Árabes Unidos, em condições ainda poucos esclarecidas, é um triste exemplo entre muitos outros (Pinto, 2023, p. 23).

É importante apontar que o monopólio do direito ao movimento também afeta as possibilidades da produção científica, uma vez que a pesquisa de campo requer a integração do pesquisador em um ambiente distante das suas fronteiras nacionais. Isso pode acarretar custos que, sem incentivos

⁷ De acordo com agências de pesquisa, organizações não-governamentais, entre outros, as eleições de 2022 ficaram marcadas pela escala da violência política. Ver: Oliveira (2022).

⁸ A ameaça foi registrada tanto pela mídia francesa, quanto pela mídia brasileira. Ver: Sanz (2023).

⁹ Entrevista semiestruturada em caráter anônimo concedida à autora principal. Local: Consulado brasileiro em Paris. Data: 21 de novembro de 2023.

financeiros do Estado ou das instituições científicas, podem inviabilizar pesquisas (Louis; Maertens; Saiget, 2016). Para além dos custos e das questões logísticas, o monopólio do Estado sobre o direito ao movimento, impõe barreiras para o deslocamento e/ou permanências de média ou longa duração para a pesquisa em solo estrangeiro, tais como a demanda por vistos científicos.

Por fim, quanto ao papel do Estado na criação de empecilhos à pesquisa, convém mencionar o “imperialismo das ciências biológicas” na criação dos padrões de conduta éticos em pesquisa (Duarte, 2015). Nesse sentido, é importante destacar que os códigos de ética, embora representem importantes avanços para a construção de um campo científico conectado às demandas sociais, também são reflexos de políticas estatais de pesquisa. Como consequência, no campo internacional, muitas vezes o pesquisador se vê obrigado a se adaptar a dois ou mais códigos de éticas distintos, causando novos empecilhos à pesquisa.

Na pesquisa em questão, a equipe teve de trabalhar concomitantemente com o sistema normativo ético em ciências humanas e sociais do Brasil e da França. Na França, tal sistema não é sistematizado da mesma maneira que no Brasil. Se neste há uma plataforma nacional destinada à submissão de protocolos de pesquisa, a Plataforma Brasil¹⁰, não há sistema análogo para as ciências sociais na França. Há uma federação de comitês de ética cujo estatuto é o de associação e o objetivo é de “facilitar o acesso de pesquisadores a estes comitês e a refletir em comum sobre suas especificidades”¹¹. O sistema normativo francês para a pesquisa em ciências humanas e sociais é regido, em princípio, globalmente pelo Regulamento Europeu de Proteção de Dados (RGPD, na sigla em francês)¹², além de princípios gerais e mais relacionados ao costume do que a normas estabelecidas pelo Estado, diferente do caso brasileiro.

Por conta da dupla inserção institucional da pesquisa, foi necessário buscar uma conciliação entre os dois sistemas. No caso francês, opiniões políticas, natureza dos dados coletados nesta pesquisa, são compreendidos pelo RGPD como dados sensíveis. Mediante a ausência de um comitê de ética na Ecole Normale Supérieure de Paris no período de realização do terreno, valeu-se do princípio jurídico reconhecido pelo RGPD para este tipo de coleta: o consentimento expresso, livre e esclarecido. Por sua vez, do lado brasileiro, a pesquisa se baseou em normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, dispostas na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que permite que pesquisas com participantes não identificados e que mobilizem informações de domínio público não sejam registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP, a “Plataforma Brasil”¹³. Mesmo assim, há diferenças importantes sobre questões como, por exemplo, o tempo de armazenamento de dados, entre outros, que exigem a reflexão coletiva do grupo na busca por uma conciliação dos dois sistemas.

O segundo tipo de especificidade na quais foram agrupadas as particularidades identificadas na pesquisa, por sua vez, diz respeito ao idioma, às referências nacionais e às implicações dessas questões na relação do(a) pesquisador(a) com a população em estudo. Os estudos decoloniais, e

¹⁰ A Plataforma Brasil é uma plataforma para registro e avaliação de pesquisas. Ver: Plataforma Brasil (s.d.).

¹¹ Tradução nossa. Texto original: “L’objet général de l’association est de faciliter l’accès des chercheurs à ces comités et à réfléchir en commun à leurs spécificités.” (Fédération des CER, s.d.). Mais informações em: Fédération des CER (s.d.).

¹² O regulamento europeu sobre proteção de dados embasou a presente pesquisa. Ver: CENIL (s.d.).

¹³ A resolução 510 representou um importante avanço para a pesquisa em Ciências Sociais. Ver: Brasil. Conselho Nacional de ética em Pesquisa (2016).

mesmo as abordagens marxistas, permitem reflexões interessantes sobre a cultura enquanto uma expressão de poder nas Relações Internacionais (Calvet, 2005; Anderson, 2008). Ao longo da história, esse poder resultou na dominação de determinados sistemas linguísticos – sobretudo ocidentais, mais especificamente do Norte global – em detrimento de outros nas arenas internacionalizadas e, como consequência, na vida cotidiana. Essa dominação cultural também afeta o universo acadêmico. Conforme destacado pela literatura, o inglês com frequência se torna a língua de referência em equipes multinacionais de pesquisa (Lecler; Yohan; Bouagga, 2018, p. 9-20). Sendo assim, é natural que essas questões se tornem ponto de reflexão epistemológica e metodológica sobre o campo internacional.

No caso da presente pesquisa, por ser composta por uma equipe franco-brasileira, foi possível evitar a mobilização da língua inglesa, sem que isso significasse a inexistência de armadilhas e imprecisões. De toda maneira, a construção coletiva do questionário permitiu diversificar as opiniões sobre as questões em pauta, mas também debater e, por conseguinte, aperfeiçoar a tradução do questionário, redigido em português e francês. Os conceitos adquirem conotações que não necessariamente possuem em sua língua original. Conforme destacado por Renata Summa (2020), a tradução pode se apresentar um desafio em pesquisas de campo internacionais.

Não apenas a construção de questionários bilíngues merece atenção quando se fala em tradução em pesquisas de campo. Métodos de pesquisa que permitem contato direto com os sujeitos investigados, tais como as entrevistas e a etnografia, devem ser entendidos como relações sociais, sendo assim, hierarquias sociais e violências simbólicas podem se fazer presentes nessa relação, a depender de diversas variáveis, como gênero, idade e vínculo institucional (Daho, 2016). No caso da pesquisa internacional, o idioma do pesquisador ou mesmo o seu sotaque pode estabelecer uma determinada hierarquia entre ele e o sujeito, sobretudo quando os métodos são aplicados em uma língua secundária para o pesquisador. Além do idioma, símbolos culturais, códigos de fala, gírias, também são instrumentos de comunicação que podem construir violências simbólicas e mal-entendidos. No campo das Relações Internacionais, onde há códigos de vestimenta e conduta muito específicos a cada arena, que muitas vezes refletem o caráter elitizado do campo, esse aspecto é ainda mais evidenciado, a depender do ator contactado para entrevista (Devin, 2015, p. 16). Sendo assim, a não adequação a esses códigos pode afetar a entrada do pesquisador no campo ou estabelecer uma hierarquia que pode afetar o desenvolvimento da pesquisa e requer cuidado redobrado e reflexão do pesquisador sobre as condições da entrevista, uma vez finalizada a pesquisa.

Nesse sentido, são dignas de nota as especificidades anotadas pela pesquisadora francesa não-falante de português quanto à aplicação de questionários na fila de votação. Ainda que os migrantes brasileiros inscritos para votar estejam inseridos na sociedade francesa, o receio de falar francês com uma “nacional” se mostrou uma barreira: muitos indivíduos abordados para o questionário recusaram a participação alegando que não falavam francês, ou que tinham receio de não falar “corretamente” francês. Por exemplo, em convite a um casal em que a esposa era brasileira e o marido francês, a mulher se recusou a responder ao questionário, alegando que não falava francês “corretamente”. O fato de não ter um domínio perfeito do francês diante de um(a) interlocutor(a) francês(esa) pareceu ser um obstáculo à participação à pesquisa.

O último ponto nos leva a refletir sobre o papel das nacionalidades e como elas podem afetar a pesquisa internacional. Em um mundo marcado por dicotomias internacionais e a grande presença dos meios de comunicação em nossas vidas cotidianas, não raro ideologias políticas e epistemologias podem ser atribuídas ao pesquisador em virtude da sua nacionalidade. Dessa forma, estereótipos podem afetar o desenvolvimento do campo, seja positivamente, seja negativamente, a depender da nacionalidade do pesquisador e da posição do seu país de origem no cenário internacional ou no país onde ocorre o campo. A título de exemplo, em seu estudo sobre as mobilizações de direita no Brasil, a pesquisadora belga Fanny Vrydah (2020) refletiu sobre o papel da sua nacionalidade europeia enquanto um facilitador da entrada no campo.

No caso da pesquisa que motivou o presente artigo, a equipe foi instruída a não portar vestimentas com as cores vermelho, verde e amarelo nos dias das votações. Tal instrução causou estranheza aos membros franceses da equipe, mas uma vez que as cores carregavam grande simbologia nas eleições de 2022, essa experiência mostrou que a preparação prévia da equipe é ainda mais importante para o sucesso do campo internacional. Porém, mesmo com a ausência do porte de símbolos visuais pelos membros da equipe, alguns indivíduos abordados para a aplicação de questionário mostraram uma desconfiança inicial em relação aos pesquisadores, que resultou em recusas a participar da pesquisa, o que pode ser lido como esperado em um contexto global de ataque à ciência. Em meio à coleta de dados na fila de votação do segundo turno, uma eleitora brasileira chegou a sugerir que um dos pesquisadores brasileiros não dizia a verdade sobre o anonimato dos participantes na pesquisa. Seus acompanhantes, também brasileiros, retiveram-na em sua atitude.

Por outro lado, a presença de uma estrangeira na equipe representou um motivador para a participação na pesquisa para alguns. O fato de ter a nacionalidade francesa materializava aos olhos dos brasileiros na fila de votação o distanciamento que o pesquisador deve demonstrar. Muitos entrevistados, sobretudo bolsonaristas, se mostraram surpresos com o fato de uma francesa se interessar por essas eleições e, principalmente, por seus eleitores, fazendo com que a pesquisadora em questão registrasse menos recusas entre os eleitores apoiadores de Bolsonaro, se comparada com os pesquisadores brasileiros.

Portanto, muitas especificidades foram observadas. Essas especificidades ou dificuldades observadas no campo internacional não podem ser vistas como impedimentos para a pesquisa de campo sobre temas internacionais ou transnacionais. Na conclusão, refletiremos sobre os caminhos possíveis para ultrapassar esses empecilhos e efetivar o campo internacional.

4 Conclusão: equipes de pesquisa multinacionais e outros caminhos possíveis para o campo internacional

Ao longo do presente texto, além de apresentar uma conceituação sobre o “campo internacional”, também buscamos refletir sobre as especificidades desse campo, a partir de um diálogo entre as Relações Internacionais e as Ciências Sociais, sobretudo a Sociologia. A partir da pesquisa sobre a dinâmica do ativismo transnacional na França em tempos de eleições brasileiras, discutimos dois tipos especificidades de forma particular: 1) as particularidades do acesso ao campo em um mundo dividido

em Estados-Nação; 2) o idioma, a nacionalidade, seus símbolos e a relação do pesquisador com a população em estudo.

Quanto ao acesso ao campo, as reflexões aqui destacadas convidam a refletir sobre a responsabilidade do Estado em assumir a posição de facilitador da pesquisa científica internacional. Se o Estado pode impor custos, ele também pode incentivar os intercâmbios científicos e a pesquisa de campo internacional. Em realidade, os dados apontam que os acordos internacionais entre países possuem importante papel para a circulação internacional de pesquisadores, facilitando vistos científicos e mesmo fornecendo financiamentos de pesquisa (Krieger; Góes Filho, 2005). Como exemplo, é possível mencionar o acordo CAPES-COFECUB, firmado entre o Brasil e a França e a sua importância para a grande troca acadêmica existente entre os dois países ao financiar estadias de pesquisa e formação em solo francês, por meio de parceria com instituições de ensino e pesquisa francesas (Kant de Lima, 2011).

Importa destacar que os intercâmbios institucionais são grandes responsáveis pelo caráter cada vez mais internacionalizado alcançado pela ciência. A título de exemplo, convém mencionar o aumento progressivo pela formação superior no exterior. De acordo com Morosini (2006), esse processo de crescimento da internacionalização do ensino superior se expandiu sobretudo a partir da década de 1990. Segundo dados da Organização das Nações Unidas para Educação e a Ciência (UNESCO), se em 2000 havia cerca de dois milhões de estudantes em formação superior fora do seu país de origem, em 2017 o registro ultrapassa a marca de cinco milhões (Unesco, 2019 apud Ghosh; Jing, 2020).

No caso da pesquisa em questão, ela se beneficiou sobremaneira da bolsa financiada pelo governo francês e ofertada pela École Normale Supérieure (ENS) e da liberação da professora que conduziu a pesquisa pela PUCRS. Além de permitir a atuação de uma professora estrangeira no ano letivo 2022/2023, a pesquisa permitiu o desenvolvimento de uma pesquisa de campo de média duração.

A pesquisa também evidenciou que, mesmo com incentivos dos Estados e instituições de pesquisa, tais como as bolsas de estudo, os deslocamentos e a permanência em longa duração podem limitar a pesquisa. Felizmente, em um cenário pós-pandêmico, recursos online como a plataforma Zoom têm se apresentado como ferramentas de pesquisa cada vez mais entendidas como legítimas pelos pares. Elas se mostram fundamentais para as pesquisas que se voltam para a compreensão de atores em trânsito ou que possuem múltiplas ancoragens territoriais, como é o caso dos ativistas transnacionais. O Estado e as instituições de pesquisa têm contribuído para o aprofundamento do uso desses recursos, como ficou evidenciado pelo lançamento das orientações do Conselho Nacional de Pesquisa Científica (CONEP) com “orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual”¹⁴. No caso do ativismo transnacional, a pesquisa demonstrou que o uso desses recursos não traz qualquer malefício adicional ao entrevistado, visto que é ferramenta central de comunicação para sujeitos que mantêm laços em múltiplas localidades. Além disso, no caso da pesquisa em questão, o uso da ferramenta permitiu o contato com eleitores provenientes de diferentes

¹⁴ Tais normativas foram motivadas pelo contexto pandêmico e estão disponíveis online. Ver: Brasil. Ministério da Saúde (2021).

partes da França, uma vez que Paris, onde coletamos os contatos dos voluntários, era o único local de votação, tornando a amostragem da pesquisa mais relevante.

Ainda sobre o papel do Estado na diminuição dos custos, é fundamental destacar a sua responsabilidade na garantia de segurança ao pesquisador em campo internacional. A reflexão apresentada ao longo do texto evidencia que o “imperialismo bioético” nos códigos de ética em ciências humanas no Brasil – apesar dos avanços garantidos pela resolução 510 – domina o debate sobre as condições de pesquisa dos pesquisadores brasileiros, com as reflexões sobre os riscos que os pesquisadores podem impor às populações analisadas (Duarte, 2015). Vivemos um incômodo silêncio sobre os riscos impostos aos pesquisadores que se debruçam sobre temas políticos e/ou sensíveis. É importante avançar no debate sobre a importância e o direito a fazer pesquisa em nível global e o papel dos Estados em garantir segurança aos pesquisadores, inclusive trabalhando em parceria com outros atores internacionais, tais como outros Estados e instituições, com o objetivo de defender a importância da pesquisa acadêmica.

Finalmente, sobre as diferenças culturais e linguísticas, a pesquisa efetivada evidenciou que a composição de equipes multinacionais pode se apresentar enquanto um caminho para superar os obstáculos por elas impostos. Essa observação já havia sido destacada em um estudo sobre o Fórum Mundial de Dakar, no qual foi possível verificar que a composição multinacional da equipe permitiu a ampliação do escopo da pesquisa, a apreensão de códigos profissionais e mesmo uma maior aceitação da equipe entre o público militante (Siméant-Germanos; Pommerolle; Sommier, 2015). Muitas vezes, por conhecerem códigos linguísticos e culturais internos, os próprios membros da equipe podem funcionar como *gatekeepers*. Os chamados “guardiões dos portões”, que, segundo Pinto (2023, p. 21), são em geral funcionários ligados aos espaços nos quais se desenvolve o campo, podem ser os próprios membros da pesquisa, a depender do campo e do objeto de estudo.

Da mesma forma, esses caminhos puderam ser observados na pesquisa que deu origem ao presente artigo. A integração de pesquisadores franceses na equipe se mostrou ser um facilitador para adentrar determinados campos políticos em um contexto de ataque às instituições de pesquisa brasileiras. Além disso, o próprio processo de construção de questionários e roteiros de entrevistas passou por um rico processo de debate sobre códigos verbais e visuais a serem empregados pelos pesquisadores, transformando a própria integração na equipe em um momento de enriquecimento pessoal. Ao mesmo tempo, o fato de que uma jovem francesa tenha maior aceitação perante os sujeitos brasileiros investigados em um grupo de pesquisa também composto por pesquisadores brasileiros, inevitavelmente nos motivou a refletir sobre como as dicotomias internacionais podem influenciar a pesquisa de campo internacional.

Para concluir, argumentamos que a pesquisa de campo internacional pode ser vista como um caminho para solucionar o debate entre racionalistas e construtivistas, permitindo aperfeiçoar métodos para análise do papel das ideias no cenário internacional. Essa possibilidade se torna ainda mais relevante para a compreensão do ativismo transnacional e o voto extraterritorial enquanto um fenômeno multidimensional. Da mesma forma, a pesquisa confirma a importância da cooperação científica internacional, bem como a construção de um campo científico mais plural e horizontal.

Referências

- ABERS, Rebeca; TATAGIBA, Luciana. Os movimentos sociais e as eleições de 2022. In: IGNACIO, Maria; OLIVEIRA, Vanessa (Orgs.). *Democracia e eleições no Brasil: para onde vamos?* São Paulo: Hucitec, ANPOCS, 2022, p. 585-622.
- ALONSO, Ângela. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. In: *MÉTODOS de Pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo*. São Paulo: SESC São Paulo; CEBRAP, 2016, p. 8-24.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BRASIL CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. *Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016*. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2024.
- BRASIL MINISTÉRIO DA SAÚDE SECRETARIA-EXECUTIVO DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE CONSELHO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA. *Ofício Circular Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS*. Brasília, 24 de fevereiro de 2021. Disponível em: <[conselho.saude.gov.br > images > Oficio_Circular_2](https://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2)>. Acesso em: 27 jun. 2024.
- BRINGEL, Breno Marques. Global chaos and new geopolitics of power and resistances. In: PLEYERS, Geoffrey; BRINGEL, Breno (Org.). *Social movements and politics during covid-19: crisis, solidarity and change in a global pandemic*. Bristol: Bristol University, 2022, p. 271-279.
- BURGESS, Katrina; TYBUSKI, Michael. When parties go abroad: explaining patterns of extraterritorial voting. *Electoral studies*, v. 66, 2020.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento. De Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CALVET, Louis-Jean. *Linguística y colonialismo. Breve tratado de glotofagia*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- CENIL (COMMISSION NATIONALE DE L'INFORMATIQUE ET DES LIBERTÉS). *Le règlement général sur la protection des données - RGPD / CNIL*. Disponível em: <<https://www.cnil.fr/fr/reglement-europeen-protection-donnees>>. Acesso em: 26 set. 2022.
- CIORNEI, Irina; ØSTERGAARD-NIELSEN, Eva. Transnational turnout: Determinants of immigrant voting in home country elections. *Political geography*, v. 78, 2020.
- CLAVAL, Paul. O papel do trabalho de campo na geografia, das epistemologias da curiosidade às do desejo. *Confins*, n. 17, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/confins.12414>>. Acesso em: 27 jun. 2024.
- DAHO, Gregory. Faire parler les généraux: retour sur quelques usages des techniques d'entretien em milieux militaires. *Revue ¿interrogations?*, n. 22, p. 1-12, 2016.
- DAUVIN, Pascal; SIMÉANT-GERMANOS, Johanna. Travailler sur l'humanitaire par entretiens — Retour sur une «méthode». *Mots. Les langages du politique*, a. 2001, n. 65, p. 117-133, 2001.

DELLA PORTA, Donatella. *Social movements in times of austerity*. Bringing capitalism back into protest analysis. Cambridge: Polity, 2015.

DELLA PORTA, Donatella; TARROW, Sidney. *Transnational protest and global activism: people, passions and power*. Oxford, Rowman & Littlefield, 2005.

DEVIN, Guillaume. Goffman, la scène. In: DEVIN, Guillaume (Dir.). *10 concepts sociologiques en Relations Internationales*. Paris: CNRS, 2016, p. 9-28.

DEVIN, Guillaume. Introduction. In: DEVIN, Guillaume (Org.). *Méthodes de recherche em Relations Internationales*. Paris: Sciences Po, 2015, p. 11-14.

DOUGHERTY, James; PFALTZGRAFF JÚNIOR, Robert. *Relações Internacionais: as teorias em confronto: um estudo detalhado*. Lisboa: Gradiva, 2003.

DUARTE, Luis Fernando. A ética em pesquisa nas ciências humanas e o imperialismo bioético no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia*. v. 3 n. 5, p. 31-52, jan.-jun., 2015.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo império perecerá*. Teoria das Relações Internacionais. Brasília: UnB, 2000.

FÉDÉRATION DES CER (COMITÉS D'ETHIQUE DE LA RECHERCHE). *Accueil*. s.d. Disponível em: <<https://www.federation-cer.fr/>>. Acesso em: 3 ago. 2023.

FRIZZO, Denise; MASCITELLI, Bruno. *Brasileiros no exterior: voto emigrante e participação política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020.

GHOSH, Ratna; JING, Xiaoli. Fostering global citizenship through student mobility: covid-19 and the 4th wave in internationalization of education. *Beijing International Review of Education*. v. 2, p. 553-570, 2020. Disponível em: <10.1163/25902539-02040009>. Acesso em: 28 ago. 2024.

GUARNIZO, Luis E.; PORTES, Alejandro; LANDOLT, Patrícia. Assimilation and transnationalism: determinants of transnational political action among contemporary migrants. *American Journal of Sociology*, n. 108, p. 1211-1248, 2003.

GUEVARA, Erica. Un vote organisé par des gangs? Observation d'une mission d'observation internationale de l'élection présidentielle de 2014 au Salvador. *Critique Internationale*, n. 78, p. 127-146, 2018.

HELD, David. A democracia, o Estado-Nação e o sistema global. *Lua Nova*, n. 23, p. 145-194, mar. 1991.

HOFFMANN, Stanley. An American Social Science: International Relations, *Daedalus*, v. 106, n. 3, p. 41-60, summer 1977.

KANT DE LIMA, Roberto. Choques e fusões simétricas e criativas: a internacionalização da Antropologia no quadro de um acordo Capes-Cofecub. *Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia*, n. 30, p. 199-207, 2011.

KECK, Margareth; SIKKINK, Kathryn. *Activists beyond Borders*. Advocacy Networks in International Politics. Ithaca: Cornell University Press, 1998.

- KRIEGER, Eduardo; GOÉS FILHO, Paulo. A importância da cooperação internacional para o desenvolvimento da ciência brasileira. *Revista Parcerias Estratégicas*, n. 20, p. 1161-1202, jun. 2005.
- LECLER, Romain; YOHANN, Morival; BOUAGGA, Yasmine. Pour une ethnographie des professionnels de l'international, *Critique internationale*, v. 81, n. 4, p. 9-20, 2018.
- LOUIS, Mariele; MAERTENS, Lucile; SAIGET, Marie. L'enquête de terrain. In: DEVIN, Guillaume (Org.). *Méthodes de recherche en Relations Internationales*. Paris: Sciences Po, 2016, p. 139-158.
- MACHADO, Marta R. de Assis; MACIEL, Débora Alves; SOUZA, Rafael de. Intertwining public security policy and protest control in Brazil: sports mega-events and international diffusion of repression. *Latin American Law Review*, v. 2021, p. 81-100, 2021.
- MCADAM, Doug; TARROW Sidney. Movimentos sociais e eleições: por uma compreensão mais ampla do contexto político da contestação. *Sociologias*, v. 13, n. 28, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-45222011000300003>>. Acesso em: 27 jun. 2024.
- MCADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. *Dynamics of contention*. New York: Cambridge University Press, 2001.
- MOROSINI, Marília. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: conceitos e práticas. *Educ. rev.*, n. 28, p. 107-124, dez. 2006.
- MOULIN, Carolina. Os direitos humanos dos humanos sem direitos: refugiados e a política do protesto. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, p. 145-155, 2011.
- OLIVEIRA, Thaísa. Brasileiros vão às urnas sob clima inédito de medo e violência política. *Folha de São Paulo*, 1 out. 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/brasileiros-vao-as-urnas-sob-clima-inedito-de-medo-e-violencia-politica.shtml>>. Acesso em: 27 jun. 2024.
- PEREIRA, Demetrius; ROCHA, Rafael. Debates teóricos em Relações Internacionais: origem, evolução e perspectiva do “embate” Neo-Neo. *Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD*, v. 3, n. 6, jul.-dez, 2014.
- PINTO, Vânia Carvalho. *Métodos de pesquisa em Relações Internacionais*. São Paulo: Contexto, 2023.
- PLATAFORMA BRASIL *Sobre a Plataforma Brasil*. s.d. Disponível em: <<https://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf;jsessionId=pE03eL3EagWiz-zclRkUfHC9>>. Acesso em: 3 ago. 2023.
- PUTNAM, Robert. Diplomacy and domestic politics: the logic of two level games. *International organization*, v. 43, n. 3, p. 427-470, 1988.
- ROCHA, Antônio Jorge Ramalho da. *Relações Internacionais* teorias e agendas. Brasília, UnB, 2012.
- SANAHUJA, José Antonio; LÓPEZ BURIAN, Camilo. Internacionalismo reaccionario y nuevas derechas neopatriotas latinoamericanas frente al orden internacional liberal. *Conjuntura Austral*, v. 11, n. 55, p. 22-34, 2020.
- SANZ, Rafael. Bolsonaroista que vive na França pode ser fichado como terrorista após ameaças na internet. *Fórum*, 31 out. 2023. Disponível em:

<<https://revistaforum.com.br/global/2022/10/31/bolsonarista-que-vive-na-frana-pode-ser-fichado-como-terrorista-apos-ameaas-na-internet-125812.html>>. Acesso em: 27 jun. 2024.

SIKKINK, Kathryn. Patterns of dynamic multilevel governance and the insider-outsider coalition In: DELLA PORTA, Donatella; TARROW, Sidney. *Transnational protest and global activism*. people, passions and power. Oxford: Rowman & Littlefield, 2005, p. 151-174.

SIMÉANT-GERMANOS, Johanna. Localiser le terrain de l'international. *Politix*, v. 4, n. 100, p. 129-147, 2012.

SIMÉANT-GERMANOS, Johanna. La transnationalisation de l'action collective. In: AGRIKOLIANSKY, Eric; FILLIEULE, Olivier; SOMMIER, Isabelle (dir.). *Penser les mouvements sociaux*, Paris: La Découverte, 2010, p. 121-144.

SIMÉANT-GERMANOS, Johanna; POMMEROLLE, Marie-Emanuelle; SOMMIER, Isabelle. Introduction. In: SIMEANT, Johanna; POMMEROLLE, Marie-Emmanuelle; SOMMIER, Isabelle. *Observing protest from a place: the World Social Forum in Dakar (2011)*. Amsterdam University Press, 2015, p. 11-20.

SIMÉANT-GERMANOS, Johanna; POMMEROLLE, Marie-Emanuelle. Scales, reefs and bureaucracies – International Political Fieldworks. *Political Anthropological Research on International Social Sciences* (PARIS), dec. 2022.

SIMÉANT-GERMANOS, Johanna; POUPONNEAU, Florent; LICKERT, Victoria. Échelles, récifs, bureaux – terrains du politique à l'international. In: SIMÉANT Johanna (dir.). *Guide de l'enquête globale en sciences sociales*. Paris, CNRS, 2016, p. 13-32.

SMITH, Jackie; CHATFIELD, Charles; PAGNUCCO, Ron. *Transnational movements and global politics: solidarity beyond the State*. Syracuse: Syracuse University Press, 1997.

SUMMA, Renata. What might have been lost: fieldwork and the challenges of translation. In: KUSIC, Katarina; ZAHORA, Jakub (Org.). *Fieldwork as failure: living and knowing in the field of International Relations*. E-IR, 2020, p. 140-148.

TARROW, Sidney. Cosmopolites enracinés et militants transnationaux. *Lien social et Politiques*, n. 58, p. 87-102, 2007.

TARROW, Sidney. *The new transnational activism*. New York: Cambridge, 2005.

TILLY, Charles; TARROW, Sidney. *Politique(s) du conflit: de la greve à la révolution*. Paris: Presses des Sciences Po, 2008.

TORPEY, John C. *The invention of the passport. surveillance, citizenship and the State* [Ebook]. 2nd ed. New York: Cambridge University Press, 2018.

VERMYLEN, Aurore. Une anthropologue dans un camp de réfugiés : Comment faire une ethnographie dans un contexte d'imposition discursive institutionnelle? *Parcours Antropologiques*, n. 11, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/pa.508>>. Acesso em: 27 jun. 2024,

VON BÜLOW, Marisa. Brokers in action: transnational coalitions and trade agreements in the Americas. *Mobilization*, v. 16, p. 165-180, 2011.

VON BÜLOW, Marisa (Org.). Fórum Social Mundial: a transnacionalização da sociedade civil brasileira. Brasília: UnB, 2013.

VRYDAGH, Fanny. *Gagner les corps, les cours et les esprit: comprendre l'engagement dans le mouvement brésilien pro—destitution (2014-2016)*. Université Libre de Bruxelles: Faculté de Philosophie et Sciences Sociales. 390f. Thèse en vue de l'obtention du grade académique de docteur en Sciences sociales et politiques. Année académique 2019-2020.

WALGRAVE, Stefaan; VERHULST, Joris. Selection and response bias in protest surveys. *Mobilization*, v. 16, n. 2, p. 203-222, 2011.

Artigo recebido em: Junho de 2024.

Aprovado em: Setembro de 2024.

Teresa Cristina Schneider Marques (teresa.marques@pucrs.br) é doutora (2011) em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágio doutoral em Sociologia das Relações Internacionais no Institut d'Études Politiques de Paris (Sciences Po). Concluiu pós-doutorado (2014) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). É graduada em Ciências Sociais (2016) pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e História (2004) pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Atua como professora e coordenadora do curso de graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). É professora adjunta dos Programas de Pós-graduação em Sociologia e Ciência Política e Filosofia da PUCRS. Foi professora visitante do ano acadêmico 2019/2020 na Universidade Panthéon-Sorbonne (Paris 1, França) e da École Normale Supérieure (Paris, França) no ano acadêmico 2022/2023.

Willy Hudson Ramos Delvalle (willy.ramos.delvalle@ens.psl.eu) é doutorando em Ciência Política na École Normale Supérieure-PSL Research University (França). Mestre em Estudos Europeus e Internacionais pela Universidade Paris 8. Mestre em Sociologia e Filosofia Política pela Universidade Paris Diderot, graduou-se em Comunicação Social com habilitação em jornalismo na Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Esther Devilliers (esther.devillers@ens.psl.eu) é graduada em Ciências Sociais com ênfase em Políticas Públicas pela universidade Paris-Dauphine. (PSL). É estudante da École Normale Supérieure de Paris (ENS) no âmbito do diploma DENS (Diplôme de l'École Normale Supérieure), onde possui o status de "Élève fonctionnaire-stagiaire", em covalidação com o "Mestrado prático Interdisciplinar, Antropologia, História e Sociologia Ciências Sociais" na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS).

O “campo internacional” e suas especificidades: reflexões a partir de uma pesquisa coletiva sobre a dimensão transnacional das eleições brasileiras de 2022

Resumo. Apresentamos uma reflexão coletiva sobre a pesquisa de “campo internacional”, entendida como uma oportunidade de estabelecimento de uma relação direta entre o pesquisador e os sujeitos que protagonizam as práticas em estudo, permitindo observar mudanças de escala efetuadas pelos atores e processos de transnacionalização. O artigo se baseia em uma pesquisa multimétodo sobre o ativismo transnacional na França durante o processo eleitoral brasileiro de 2022 e propõe um diálogo entre as Relações Internacionais e a sociologia. A pesquisa foi marcada por desafios que são relacionados às particularidades do acesso ao campo em um mundo dividido em Estados e às questões relativas ao idioma, à nacionalidade e seus impactos na relação do pesquisador com a população em estudo. Argumentamos que as equipes multinacionais de pesquisa podem apresentar caminhos para a superação desses obstáculos e que o Estado é responsável pela construção de um campo científico mais internacionalizado, plural e seguro.

Palavras-chave: Metodologia; Transnacionalismo; Ativismo; Ciência; Pesquisa

The “international field” and its specificities: reflections from a collective research on the transnational dimension of the 2022 Brazilian elections

Abstract. We present a collective reflection on research in the “international field”, understood as an opportunity to establish a direct relationship between the researcher and the subjects who carry out the practices under study, which allows observing changes in scale carried out by actors and processes of transnationalization. The article is based on a multimethod research project on transnational activism in France during the 2022 Brazilian presidential elections and offers a dialogue between International Relations and Sociology. The research was met by challenges related to the particularities of access to the field in a world divided into States and issues related to language, nationality and their impact on the researcher’s relationship with the study population. We argue that multinational research teams can present ways to overcome these obstacles and that the State is responsible for building a more internationalized, plural and safe scientific field.

Keywords: Methodology; Transnationalism; Activism; Science; Research.